



O avesso dos cartões postais

PELAGIO GONDIN
Da Editoria de Cidade

A vida de Brasília está morta. Pelo menos no sentimento dos turistas que se limitam a descobrir a cidade apenas através dos seus frios — embora interessantes — cartões-postais. Azar deles, que ainda não compreenderam que a Esplanada dos Ministérios, a Catedral, o Congresso Nacional, os palácios e até mesmo os inúmeros museus, existem mais em função das autoridades, parlamentares, empresários, burocratas e os próprios turistas, do que dos habitantes.

A vida de Brasília está viva justamente aos que dispensam o guia e o roteiro turístico e resolvem conhecer a cidade pelo avesso. Esses, sem muito esforço e gastando menos, acabam concluindo rapidamente que o povo da capital do País está muito mais para a Torre de Televisão do que para a Catedral. Ou melhor: o povo está mais a fim de fazer sua própria vida do que viver em função dos monumentos e obras que dão vida ao poder. Que o poder fique com os poderosos ou com aqueles que só sobrevivem à sombra dele, pois os habitantes estão querendo mais é mudar essa idéia de que Brasília é apenas um grande monumento.

A Torre de Televisão, certa-

mente, é a obra oficial mais popular da cidade. No Elxo Monumental, é a única ocupada, de fato, pela população. Aos domingos, a Torre mais parece aquelas pracinhas em frente às igrejas do Interior brasileiro. Tem pipoqueiro, sorveteiro, artesão e namorados de mãos dadas, delatados à sombra de uma árvore. E, na verdade, o grande lazer dominical das famílias da periferia.

A classe média do Plano Piloto, porém, cria suas próprias alternativas, alternando-as de acordo com o modismo. Há poucos meses, o grande barato da juventude classe média do Plano era desfilar nos fins de semana pela 205-206 Sul. Hoje, ela mudou de enedereço: a 115 Norte passou a ser o paraíso dourado, por onde circulam dezenas de gatas e gatos com seus carros envenenados, suas roupas coloridas, seus cabelos incrementados e um papo muitas vezes chato.

Mas não é só lá que a turma se encontra. Ultimamente, com o modismo do karaokê, o Venâncio 3000 vem se transformando num novo Gilberto Salomão ou Gilbertinho, guardadas, evidentemente, as devidas proporções do espaço. O segundo andar do shopping está virando

uma grande área de lazer. Ali, existem duas casas de karaokê, um bolche, um salão de sinuca, lanchonetes e jogos eletrônicos. Não há nenhuma sofisticação. Essa fica por conta dos próprios habitantes desses espaços, que não dispensam roupas ousadas e adereços sofisticados. Também não há distinção de idade. Tem guri de 13, marmão de 35, gatinhas de 15 e senhoras de 40. As vezes, até parece uma grande festa familiar.

Em busca dessa variações, outros pontos estão sendo descobertos. A barragem do Paranoá, por exemplo, é um deles. Mesmo ficando perto da invasão do Paranoá, o local é mais frequentado pelos moradores da Asa Norte e do Lago Norte. Um barzinho espaçoso e rústico completa o clima bucólico do local, deixando à vontade tanto os roqueiros quanto os seresteiros mais chegados aos ambientes menos poluídos.

Mas nem só de bar em bar, de boate e boate, vive o brasiliense. Muitos não dispensam o namoro na praça. Só que em Brasília, o povo ocupa as praças somente se for de carro. É o caso, por exemplo, da Praça do Buriti. O local é ponto preferido para os romances proibidos. Funcionários públicos casados

ou com transas mal resolvidas, são os principais frequentadores, competindo na mesma proporção com os profissionais liberais, especialmente advogados. Já que o Tribunal de Justiça e as Secretarias do Governo ficam bem perto. De vez em quando, alguém é surpreendido com a mão na massa dentro do carro.

Os mais cuidadosos preferem os silenciosos estacionamentos do Parque da Cidade. Ali, a mesma característica se repete: não se vê gente transitando — exceto aos fins de semana —, apenas carros parados com suas suaves balanços. Balanços, aliás, menos frenéticos do que os da Prainha, perto da Ponte Costa e Silva, onde a agitação romântica fica por conta da garotada do Gilberto Salomão. A propósito, foi essa mesma garotada que descobriu o local e que, de tanto usá-lo e abusá-lo, estimulou o Governo a transformar o espaço em praça.

São, enfim, lugares como esses que não constam no roteiro oficial e que os turistas não conseguem ver. Melhor para os brasilienses. Pelo menos, eles podem construir a própria vida da cidade enquanto os "estrangeiros" se deslumbram com o umbigo do poder.